



Valor paisagístico da rede urbana da Serra Gaúcha: ocupação das cumeadas e a relação visual entre as cidades

André Melati*

Abstract

The occupation of the territory of the mountain area of Rio Grande do Sul during the colonial period between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, was characterized by the use of the mountains to facilitate the localization of urban centers and enable visual relations between different cities in the regional urban network. The use of these elevated sites is a milestone in the landscape configuration process, which go beyond the local dimension and become an essential element of cultural landscapes on a regional scale.

Keywords: urban network, region, cultural landscape, visibility, colonization

La ocupación del territorio de la cordillera de Rio Grande do Sul, en el Sur de Brasil, durante el período de colonización de finales del siglo XIX y principios del XX, se caracterizó por el uso de las crestas del relieve para facilitar el desplazamiento y ubicación de los núcleos, de esta manera, posibilitando relaciones visuales entre diferentes núcleos de la red urbana regional. El uso de estos sitios elevados como elementos simbólicos son hitos que van más allá de la importancia local y a través de la visualización entre centros urbanos se convierten en un elemento del paisaje cultural a escala regional.

Palabras clave: red urbana, región, paisaje cultural, visibilidad, colonización

L'occupazione del territorio della serra di Rio Grande do Sul, nel Sud del Brasile, durante il periodo della colonizzazione di fine Ottocento e inizio Novecento, è stata caratterizzata dall'utilizzo dei promontori per facilitare la localizzazione dei centri urbani e consentire relazioni visive tra i vari nuclei della rete abitativa regionale. Questi siti, visti come elementi simbolici, costituiscono oggi una pietra miliare nella configurazione paesaggistica che va oltre la dimensione locale per assumere un valore visivo e percettivo del paesaggio culturale su scala regionale.

Parole chiave: rete urbana, regione, paesaggio culturale, visibilità, colonizzazione

A ocupação do território da serra do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil, durante o período de colonização do final do século XIX e início do século XX, caracterizou-se com a utilização das cumeadas do relevo para facilitação dos deslocamentos e localização dos núcleos urbanos, possibilitando, desta forma, relações visuais entre diversos núcleos da rede urbana regional. A utilização destes locais elevados como elementos simbólicos constituem marcos que extrapolam a importância local e através da visualização entre os núcleos urbanos se tornam um elemento de paisagem cultural na escala regional.

Palavras chave: rede urbana, região, paisagem cultural, visibilidade, colonização

* Universidade de Caxias do Sul (Brasil); e-mail: amelati@ucs.br ou andremelati@yahoo.com.br.



Introdução

A rede urbana da Serra Gaúcha, localizada no Sul do Brasil, é consequência de um processo de ocupação de um território devoluto do final do século XIX a partir de uma política colonizadora, com imigrantes europeus, em sua maioria, oriundos da Itália. A localização das colônias em território com dificuldade de acesso e as formas de ocupação e localização dos núcleos urbanos resultaram em características singulares e bastante específicas, geralmente ocupando espaços nas proximidades das cumeadas do relevo existente. A utilização da parte alta do território aliada a uma rede urbana densa em quantidade e com núcleos próximos permite a exploração das relações visuais entre as cidades. Tal relação cria entre os núcleos urbanos características próprias na região em termos de identidade e paisagem cultural.

A cidade, entendida como resultado de um processo social de determinação de posicionamento no território para fins da vida humana pode ser tratada como sítio sagrado no conceito de Alexander: «as pessoas não têm como manter suas raízes espirituais e suas conexões com o passado se o mundo físico no qual elas vivem também não sustenta essas raízes» (Alexander, 2013: 133).

As características singulares de localização dos núcleos urbanos nas cumeadas do território e as relações visuais entre eles possuem amarras no conceito de *imaginabilidade*, criado por Lynch (2010), reforçando ainda mais a importância desta característica de ocupação como paisagem cultural da região. Lynch afirma:

Uma vez que nossa ênfase vai incidir sobre o ambiente físico como uma variável independente, este estudo procurará definir as qualidades físicas relacionadas aos atributos de identidade e estrutura na imagem mental. Isso nos leva à definição daquilo que se poderia chamar de imaginabilidade: a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis ao ambiente (Lynch, 2010: 11).

O presente trabalho pretende, em um primeiro momento, demonstrar o processo histórico de ocupação do território e localização dos núcleos urbanos a partir das características físicas e ambientais da região. Sequencialmente explorar os aspectos simbólicos e perceptivos dos lugares altos e, posteriormente, entender os conceitos de visibilidade humana em grandes distâncias com a demonstração de conexões visuais entre os núcleos urbanos da região. Por último, uma verificação da apropriação destes lugares como potencial de paisagem cultural regional.



1. Processo evolutivo e histórico

A região Sul do Brasil, durante o processo de ocupação europeia a partir do século XVI, passou por momentos significativos de criação de núcleos com características urbanas. Nos primeiros momentos, a fronteira fluida entre portugueses e espanhóis que disputavam os territórios, gerou núcleos urbanos jesuíticos no Noroeste e núcleos militares em posições estratégicas do litoral e da campanha do Rio Grande do Sul.

Mertz, Grando e Targa (2007) relatam sobre isso.

A sociedade que se formou nesse território constituiu uma formação social peculiar no Brasil, não somente por ter sido a única e verdadeira fronteira político-militar do País até o início do século XX, como também por ter construído uma estrutura fundiária *sui generis*. Isso porque, além de ter possuído uma área de pastagens naturais que cobria originalmente cerca de 70% do seu território e que deu origem aos grandes latifúndios da pecuária de exportação (controlada por luso-brasileiros) (Mertz, Grando e Targa, 2007: 203-204).

Zarth (2006), corrobora neste sentido.

O Rio Grande do Sul agrário do século XIX apresentava um conjunto de problemas que afetavam o desenvolvimento econômico e social do campo. A elevada concentração fundiária impedia o crescimento demográfico e era um obstáculo ao desenvolvimento da agricultura de subsistência, considerando que os latifundiários priorizavam a criação extensiva de gado. Outro problema decorrente daquele século era a falta de mão-de-obra livre, implicando a compra de escravos para tocar as atividades dos estabelecimentos pastoris. As limitações da agricultura de subsistência geravam problemas de abastecimento e de carestia, agravados pela precária estrutura de transporte (Zarth, 2006: 187).

Os transportes, desde a ocupação europeia, utilizavam a grande rede hidrográfica desta região como caminhos fluviais. A ocupação espanhola a partir do rio da Prata adentrou até o Noroeste gaúcho gerando os núcleos jesuíticos dos primórdios. Os portugueses ocuparam o litoral atlântico, foram conformando a fronteira com cidades militares no Sul e ocupando o território através da imigração açoriana que adentrou no território rio-grandense através da barra de Rio Grande e aos poucos foi ocupando as margens da Lagoa dos Patos, Laguna Guaíba, Rio Jacuí e Taquari. As outras formas de transportes existentes eram os caminhos precários que conduziam as tropas da pecuária gaúcha dos campos sulinos para o centro do País.

Zarth, (2006) continua sua obra relatando sobre a estrutura agrária, e a consequente concentração das terras, dificuldades de abastecimento e escravidão como problemas estruturais do Rio Grande do Sul do século XIX. Afirma ainda que a maior repercussão para a solução desses problemas foi a política de imigração e colonização, aliada a outros projetos de melhoria dos transportes e inovação tecnológica. Segue:



A solução encontrada foi a colonização das áreas florestais, sem alterar a estrutura agrária das zonas pastoris, as quais, no caso do Sul, estavam correlacionadas com as áreas de campo, que se espalhavam por todo o Sul da província e parte do Norte. Ao mesmo tempo, a partir da experiência colonizadora do governo imperial, iniciada em 1824, a colonização tornou-se um negócio altamente rentável para os proprietários de terras florestais e para empresários que se dedicaram aos negócios imobiliários. Como resultado, a província assistiu a um vigoroso crescimento demográfico e ao surgimento de milhares de pequenas propriedades agrícolas espalhadas pelo território (Zarth, 2006: 212).

Mertz, Grando e Targa (2007), contribuem neste sentido:

Possuía também (e, geograficamente, totalmente em separado) uma zona de colônias de povoamento constituída por pequenas propriedades policultoras, zona em contínua expansão desde 1824 e que ocupou a parte do território sul-rio-grandense originalmente coberto por florestas. A expansão do território ocupado pelas colônias de povoamento foi concomitante à construção de uma rede vilas e cidades que eram sedes de comércios, de artesanatos e de indústrias. Até 1875, os imigrantes não-ibéricos foram predominantemente de origem alemã, e, a partir de então, passaram a predominar os imigrantes italianos. As propriedades familiares surgiram em decorrência de políticas oficiais de ocupação das regiões economicamente não exploradas, ou em outras palavras, das superfícies acidentadas, cobertas pelas florestas, e, portanto, não ocupadas pelo pastoreio extensivo. Destinadas aos colonos europeus, as vastas florestas com relevos ondulados, serviam de passagem obrigatórias para o gado levado aos centros consumidores do Brasil. Na medida em que a sub-região era povoada e as matas abatidas, estrategicamente, viabilizar-se melhores condições para a condução das tropas (Mertz, Grando e Targa, 2007: 204-211).

No mesmo momento histórico que o Sul do Brasil necessitava ser ocupado, a Itália estava vivendo as dificuldades do processo pós-unificação, conforme relata Constantino (2007).

Na verdade, as causas dessa emigração italiana transoceânica são bem conhecidas. Pode-se afirmar que o movimento derivou de razões demográficas, da implantação do sistema capitalista, da crise agrícola que alcançou seu pico na década de 1880 e da escassez de moeda circulante. O crescimento dos fluxos emigratórios em direção à América do Sul e, em especial, ao Rio Grande do Sul, também decorria de fatores de atração resultantes da implementação de políticas imigratórias nos primeiros tempos republicanos, expressas em atos legislativos relacionados à imigração e à colonização (Constantino, 2007: 397-400).

Após, aproximadamente, um mês de viagem, os imigrantes chegavam ao Rio de Janeiro e, em mais 12 dias adentrando na lagoa dos Patos por Rio Grande chegavam em Porto Alegre. A continuidade da viagem era ainda por meio fluvial com pequenos vapores seguindo à montante através dos rios Caí (em um primeiro momento) e Taquari posteriormente, até os portos das cidades de Montenegro e São Sebatião do Caí, respectivamente nas margens direita e esquerda do rio Caí e nos portos de Muçum e Santa



Tereza, também respectivamente nas margens direita e esquerda do rio Taquari. Segue Constantino (2007), relatando a partir de Manfroi:

Nos portos fluviais precisavam aguardar um pouco mais antes de alcançarem as colônias. Quase sempre seguiam a pé, por três dias e três noites, dormindo ao relento, numa “marcha para o desconhecido, para a mata virgem”. Ao chegarem à colônia, aguardavam, por vezes, muitos meses para tomarem posse do lote que lhes cabia (Manfroi, 1975: 106-112).

Favaro (2006) relata as características principais da área destinada à imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul:

A área destinada ao assentamento dos imigrantes era um grande terreno de 32 léguas quadradas, situado na encosta superior do Planalto, entre os vales do rio Caí e o rio das Antas, com altitudes variando entre os 600 e os 900 metros, coberto de matas, de difícil acesso e exploração econômica. Nela foram criadas, por ato governamental de 24 de maio de 1970, as primeiras colônias: Dona Isabel e Conde d'Eu (hoje Bento Gonçalves e Garibaldi). A ocupação, portanto, embora precária e morosa, fez-se já a partir daquele ano, com a chegada das primeiras famílias. A demarcação dos lotes era feita a partir da primeira légua, nas proximidades do rio Caí, acompanhando a ocupação dos lotes coloniais sucessivamente, em direção ao Norte. Sem possibilidade imediata de usufruir do produto do trabalho na terra, os imigrantes eram ocupados como jornaleiros (diaristas) na abertura de caminhos e no desmatamento.

Em 1875, foi iniciado o povoamento da terceira área, denominada de Colônia Caxias. Por volta de 1882, o número de habitantes locais já ultrapassava os dez mil. Como as levadas imigratórias continuavam a ser encaminhadas para a região, foram demarcadas outras três colônias próximas a Caxias: Nova Pádua e Alfredo Chaves (1884) e São Marcos (1885), onde, desde 1880, estavam instaladas famílias de imigrantes poloneses. Em 1877, foi criada a Colônia Silveira Matins, em direção ao centro da província. A demarcação continuou acelerada, expandindo-se para o Norte e para o Sul. Em 1889, surgiu Antônio Prado; Ernesto Alves, em 1890; Guaporé, em 1892, entre outras tantas.

Nos núcleos urbanos, a demarcação era feita por quadras de 80 metros de lado que acompanhavam a via principal no sentido Leste-Oeste, estando prevista sempre a construção de uma praça central, onde seria erguida a igreja e a sede administrativa.

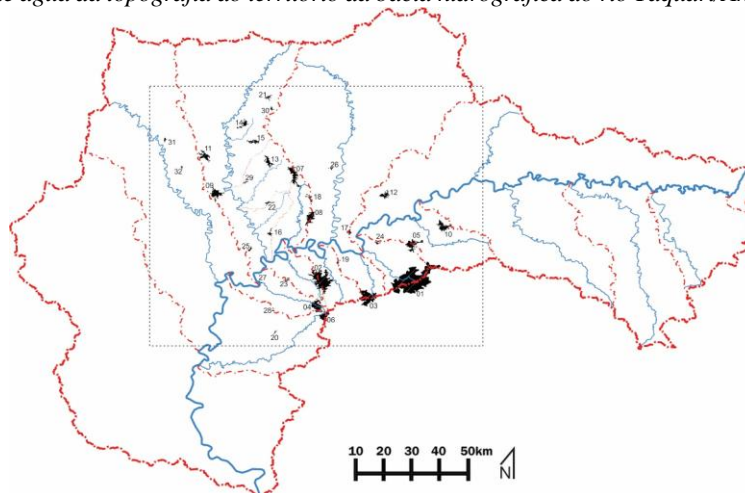
Levando-se em conta que o território do Rio Grande do Sul, ao final do século XIX, já se encontrava ocupado, fosse como o latifúndio pecuarista, fosse com as grandes lavouras arrozeiras meridionais, fosse com a produção colonial de subsistência dos vales, parece que aos imigrantes provenientes da península Itálica (e aos demais grupos que os acompanharam no empreendimento colonizador da Encosta da Serra do Nordeste) restou a busca de uma saída econômica fundada, primeiramente, na vitivinicultura e, seguindo os postulados do positivismo republicano, na industrialização. Isso, no entanto, não impediu que toda a região se tornasse uma das mais prósperas e desenvolvidas do Estado (Favaro, 2006: 314-317).

As localizações dos núcleos urbanos originais, que eram sedes coloniais (Garibaldi, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Antônio Prado, Veranópolis e Guaporé), foram, portanto, pré-determinadas através da política de ocupação do território ocupando a parte alta do relevo, nas cumeadas entre os profundos vales da hidrografia existente. Outros núcleos



urbanos surgiram de forma aleatória, a partir da necessidade da sociedade que ocupou a área colonial, e estes, da mesma forma, em função das necessidades e facilidades de movimento, mantiveram a ocupação das cumeadas do território colonizado.

Figura 1 - Localização dos núcleos urbanos da região em relação aos principais elementos da hidrografia e dos principais divisores de água da topografia do território da bacia hidrográfica do rio Taquari/Antas



Fonte: Elaborado pelo autor sobre aerofotogrametria do exército e imagens de satélite Google earth. Em linhas traço ponto vermelhas os principais divisores de águas do bacia hidrográfica Taquari/Antas; em linhas contínuas azuis os principais rios da bacia hidrográfica Taquari/Antas; em preto, as manchas das 32 cidades que compõem o Conselho regional de desenvolvimento (Corede) da Serra; retângulo em linha tracejada com o recorte da área correspondente ao Corede Serra.

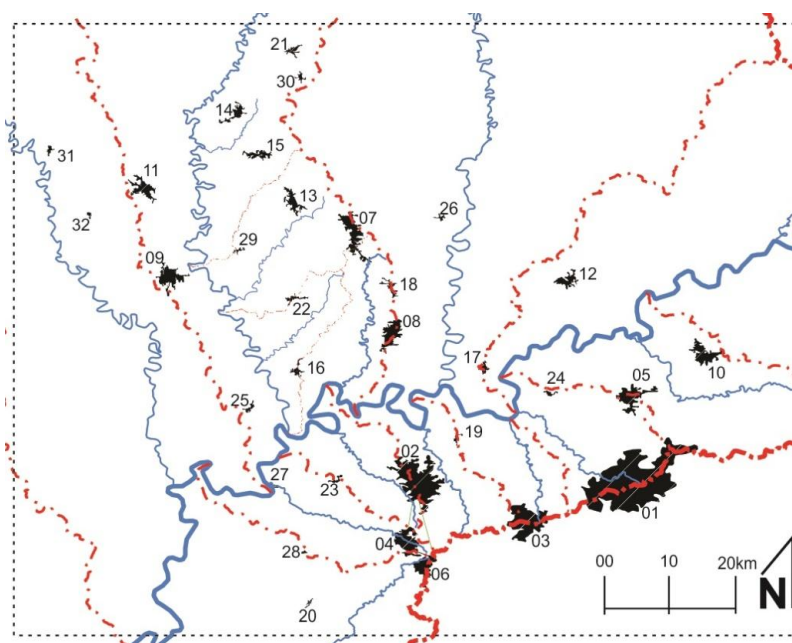
As maiores dificuldades no período colonial da região estavam exatamente no movimento e na conexão das pessoas e produção entre os núcleos urbanos e os caminhos hidrográficos possíveis. Era, então, necessário vencer os íngremes vales existentes no território e conseguir chegar até aos rios existentes ou alcançar os demais núcleos urbanos que estavam no outro lado dos vales. As estradas eram precárias e os veículos eram de tração animal.

Verifica-se nas Figuras 1 e 2 a recorrência da localização dos núcleos urbanos da região nas partes altas do território. Com a exceção de Santa Tereza, a antiga cidade com fins portuários para escoamento da produção regional do período colonial, as demais cidades, em especial as maiores, estão localizadas junto às cumeadas da região, gerando, a partir da proximidade entre elas, a possibilidade de visualização entre os núcleos urbanos regionais.

A localização dos núcleos urbanos, durante o período colonial de ocupação do território, gerou inúmeras dificuldades para a sociedade e economia local. As dificuldades de infraestrutura e as características físicas do território foram determinantes deste processo.



Figura 2 - Mapa da região dos 32 municípios que fazem parte do Corede Serra em função das principais bacias hidrográficas com seus rios e cumeadas



Fonte: Elaborado pelo autor sobre aerofotogrametria do exército e imagens de satélite Google earth. Em linhas traço ponto vermelhas os principais divisores de águas da região do Corede Serra; em linhas contínuas azuis os principais rios da região do Corede Serra; Em preto, as manchas urbanas das 32 cidades que compõem a região ordenadas por estimativa populacional do ano de 2019 do Ibge (Instituto brasileiro de geografia e estatística):

- | | |
|---|------------------------------------|
| 1 - Caxias do Sul (515.213 hab.) | 2 - Bento Gonçalves (120.454 hab.) |
| 3 - Farroupilha (72.331 hab.) | 4 - Garibaldi (35.070 hab.) |
| 5 - Flores da Cunha (30.745 hab.) | 6 - Carlos Barbosa (29.833 hab.) |
| 7 - Nova Prata (27.257 hab.) | 8 - Veranópolis (26.241 hab.) |
| 9 - Guaporé (25.727 hab.) | 10 - São Marcos (21.556 hab.) |
| 11 - Serafina Corrêa (17.502 hab.) | 12 - Antônio Prado (13.050 hab.) |
| 13 - Nova Bassano (9.916 hab.) | 14 - Paráí (7.657 hab.) |
| 15 - Nova Araça (4.690 hab.) | 16 - Cotiporã (3.868 hab.) |
| 17 - Nova Roma do Sul (3.661 hab.) | 18 - Vila Flores (3.374 hab.) |
| 19 - Pinto Bandeira (2.968 hab.) | 20 - Boa Vista do Sul (2.788 hab.) |
| 21 - São Jorge (2.757 hab.) | 22 - Fagundes Varela (2.721 hab.) |
| 23 - Monte Belo do Sul (2.564 hab.) | 24 - Nova Pádua (2.548 hab.) |
| 25 - São Valentin do Sul (2.239 hab.) | 26 - Protásio Alves (1.957 hab.) |
| 27 - Santa Tereza (1.734 hab.) | 28 - Coronel Pilar (1.641 hab.) |
| 29 - Vista Alegre do Prata (1.565 hab.) | 30 - Guabiju (1.516 hab.) |
| 31 - Montauri (1.466 hab.) | 32 - União da Serra (1,192 hab.) |



Barbosa (1961) escreve, na intenção de contar sobre o ofício dos carreteiros como era a dificuldade de vencer os vales dos rios entre dois núcleos coloniais, sobre as dificuldades de vencer as grandes escarpas do rio das Antas e do rio Caí para atingir as partes altas do território da Serra Gaúcha e os núcleos urbanos ali localizados. Os rios, que para muitas civilizações era a via de acesso e circulação, na serra gaúcha era o elemento físico que dificultava a ocupação do território.

Às duas horas, Bernardo atrelou os animais e seguiu viagem. Tirou alguns “peludos”. De repente, a Pierina deu de mancar. O carreteiro apeou. Levantou a pata da mula. Uma pedra encravara-se no casco, no meio da ferradura. Pegou o martelo. Com três pancadas, a pedra saltou fora.

Em Lajeado, Bernardo parou. Tomou café na casa de pasto do sr. Dal Pai.

O sol já havia sumido no ocaso, quando iniciou a descida do morro do rio das Antas. Chegou ao passo com a noite alta, a lua derramando rajadas de prata sobre as águas que rolavam açodadas.

Soltou os animais. Espojaram-se. Beberam água. Deu-lhes milho, alfafa. Na casa de pasto jantou com vários colegas. Bateram um papo. Tomaram chimarrão. Cantaram. Jogaram a mora. Deitaram.

Às duas da madrugada, Bernardo levantou. Todos os carreteiros levantaram para dar de comer às mulas. Bernardo, com o lampiãozinho na mão, entrou na estrebaria. Despejou milho e alfafa na manjedoura. Voltou a deitar. Era esta lida de todos os dias, àquela hora. Sempre, mais ou menos às duas horas, o carreteiro interrompia o sono para tratar as mulas. Há estava tão habituado que não necessitava de despertador. Acordava inevitavelmente.

Ao clarear o dia, pegou os animais. Atrelou-os. Tomou café. E partiu. A carrêta entrou na balsa que se movimentou lentamente rio acima, beirando a margem. Subiu uns duzentos metros. Dobrou à direita. A correnteza arrastou a balsa rio abaixo. Os remadores manobraram velozmente os compridos remos de angico. Bernardo ajudava. Em poucos minutos, a barça atravessava a correnteza, a uns trezentos metros abaixo da altura do trapiche. Afora vai subindo devagar, perto da barranca. Atracou. Bernardo montou a cavalo. Vibrou o areador. Venceu a rampa e a carrêta disparou atroando com fragor pela estrada pedreguenta e plana do vale.

Bernardo sentia calafrios ao pensar na subida do morro. Aquilo era tormento dos carreteiros. Ladeira íngreme, tremendamente íngreme, quase em pé, infinita, sinuosa, beirando abismos profundos, circundando altíssimos paredões. Foi aqui – êle não podia esquecer – onde pedira licença ao padre Luís para blasfemar. Passagem maldita escutava diariamente diabólicas imprecações, pesadas blasfêmias. Ali, o demônio andava à solta, a instigar os carreteiros a amaldiçoar todos os santos.

Pouco depois chegava a rampa. As mulas começavam a forcejar e paravam. Não adiantavam os guasços. Se não ouvissem gritos e blasfêmias não repechavam a ladeira. E lá voltava a sinistra ladainha. Os animais espichavam o corpo, distendiam os jarretes, escorregavam, as ferraduras faiscando nas pedras, ajoelhavam. Cafam. Levantavam sob a chuva de violentas chibatadas e impropérios. E assim a viagem rodava. Ao meio-dia, chegava ao alto do morro das Antas. As mulas descansaram. Comeram (Barbosa, 1961: 55-58).



2. Conceituação e caracterização

2.1. A cumeada e seus aspectos simbólicos e perceptivos

O processo de ocupação do território da Serra Gaúcha através da utilização das proximidades das cumeadas ou divisores de águas como localização dos núcleos urbanos teve como consequência o reconhecimento por parte da sociedade, em cada núcleo urbano, de locais específicos e privilegiados dentro da mancha urbana ou em suas vizinhanças.

Alexander (2013) afirma que «o instinto de subir até o local elevado do qual possamos olhar por cima e observar nosso mundo parece um instinto humano fundamental» (Alexander, 2013: 317). E segue:

Os lugares altos também são importantes como lugares dos quais podemos olhar para baixo, oferecendo uma vista espetacular e abrangente da cidade. Os visitantes vão até eles para ter uma ideia de toda a área que estão conhecendo, e os moradores da cidade, para reavaliar a forma e o alcance de seu meio (Alexander, 2013: 318).

Os núcleos urbanos, exceto aquele que eram sedes coloniais, tiveram um surgimento espontâneo na região. São decorrência da necessidade humana dos colonizadores de sociabilizar e, geralmente, se construíram ao longo das estradas estabelecidas para acesso às colônias, em locais de relativa significância dos territórios, com a edificação de equipamentos de utilização comunitária como as igrejas, os cemitérios, as escolas e os salões das festas comunitárias.

Pode-se também, a partir do padrão estabelecido por Alexander (2013), quando se refere aos sítios sagrados, vislumbrar a importância de tais núcleos urbanos ocupando a parte alta do território como local que, segundo este autor, «incorporam a força por meio da qual o povo se conecta com seu próprio passado» (Alexander, 2013: 133).

Nos núcleos urbanos da região muitos lugares altos, na proximidade ou na própria mancha urbana se tornaram, em função de sua utilização, locais com usos bastante específicos que possuem uma relação visual com o próprio núcleo urbano ou com o território regional. Tal característica física atual demonstra a simbologia de tais espaços como excepcionais em relação aos demais, seja por motivo de grandiosidade, como, por exemplo, para localização de espaços de culto religioso, ou mesmo por motivação da grande visibilidade possível com a edificação de mirantes em função das características físicas do território regional.

O território bastante acidentado da região de colonização, fez com que os caminhos e as estradas rodoviárias e ferroviárias, depois de vencido o desnível seguissem através dos divisores de água do território ou muito próximo a estes elementos físicos do território. Desta forma é possível, a partir dos caminhos, vislumbrar de forma panorâmica a região.

Entre as dez maiores cidades do recorte territorial demonstrado, nove possuem elementos construídos significativos em posições elevadas e privilegiadas de seus núcleos urbanos ou vizinhanças imediatas.



Figura 3 - Elementos construídos em posições privilegiadas e com grande visualização no território do Corede Serra



Fontes:

- 1 - Monumento de Jesus do Terceiro milênio em Caxias do Sul. Foto de Gilmar Gomes, em <https://www.guiade caxiasdosul.com/turismo/categorias/parque-de-eventos-festa-da-uva/monumento-jesus-terceiro-milenio-343>, acessado em 25 agosto 2020;
- 2 - Igreja Cristo Rei em Bento Gonçalves, em <https://www.integracaodaserra.com.br/wp-content/uploads/2019/11/Cristo-Rei-Igreja-1030x773.jpg>, acessado em 25 agosto 2020;
- 3 - Estação férrea em Farroupilha. Foto de Rui Romanini, em <http://aqueleslugarzinhos.blogspot.com/2011/01/antiga-estacao-ferrea-nova-vicenza.html>, acessado em 25 agosto 2020;
- 4 - Templo ermida em Garibaldi, em <http://turismo.garibaldi.rs.gov.br/rotas-atrativos/rota-cinematografica/atrativo/ermida-nossa-senhora-de-fatima-1>, acessado em 25 agosto 2020;
- 5 - Monumento do galo em Flores da Cunha, em <http://www.valesdaserra.com.br/atrativos/22/flores-da-cunha/monumento-ao-galo>, acessado em 25 agosto 2020;
- 6 - Mirante em Nova Prata, em <http://www.superprata.com.br/guia/2015/mirante/>, acessado em 25 agosto 2020;
- 7 - Terraço do restaurante giratório em Veranópolis, em <http://www.restaurantegiratorio.com.br/#&gid=1&pid=1>, acessado em 25 agosto 2020;
- 8 - Monumento do Cristo Redentor em Guaporé, em <https://turismo.guapore.rs.gov.br/locais/monumento-do-cristo>, acessado em 25 agosto 2020;
- 9 - Monte Calvário em São Marcos, em <https://www.saomarcos.rs.gov.br/turismo/atrativos-turisticos/monte-calvario#true-1>, acessado em 25 agosto 2020.



O significado dos locais altos, para a população de cada núcleo urbano, é claramente demonstrado a partir dos elementos edificados em cada um deles, que, se analisados regionalmente, muitos deles podem ser visualizados regionalmente a partir de outros núcleos urbanos, estruturando assim o que se pode chamar de rede de visibilidade regional. Esta característica é própria desta região, tornando-se assim, esses lugares altos, marcos da paisagem regional e da paisagem cultural da região.

A possibilidade de avistar marcos regionais distantes, na superfície terrestre a olho nu, ou mesmo com a utilização, de lunetas ou binóculos (como acontece atualmente no terraço do restaurante giratório em Veranópolis, como demonstrado na Figura 3) traz um potencial de criar nos moradores e visitantes da região o que, conceitualmente, Lynch (2010), chama de imaginabilidade.

Uma vez que o desenvolvimento da imagem é um processo interativo entre observador e coisa observada é possível reforçar a imagem tanto através de artifícios simbólico e do reaprendizado de quem a percebe como através de reformulação do seu entorno. Podemos oferecer ao observador um diagrama simbólico de como o mundo forma uma unidade: um mapa ou um conjunto de instruções escritas: Se ele for capaz de ajustar a realidade ao diagrama, estará de posse de um indicador da relação entre as coisas (Lynch, 2010: 12).

Perceber, portanto, é também uma dialética entre o observador e o elemento observado. Significa que dependerá sempre de uma resposta, que será diferente para cada indivíduo. Nesse sentido Celestino (2017) afirma que a maioria dos trabalhos que envolvem os termos percepção visual, cognição e impacto visual são subjetivos e muito variados. Neste estudo o elemento observado é um núcleo urbano distante a partir de um lugar privilegiado de observação de outro núcleo urbano espaçado do primeiro por áreas naturais e de cultivo, gerando um contraste entre os pontos de observação/observados e o espaço entre eles. Tal contraste é possível de ser verificado inclusive durante as noites em virtude da iluminação das próprias cidades.

O estabelecimento de uma rede de observação do território a partir dos núcleos urbanos da região necessita, portanto, do entendimento sobre os aspectos biológicos do observador e também das características físicas do elemento observado.

Com relação à percepção, o sentido da visão é o principal contribuinte para a cognição espacial de cada indivíduo, e segundo Celestino (2017)

é obtida através da refração, que na visão humana ocorre quando o feixe de luz, vindo do ambiente externo, atravessa todo o globo ocular para formar a visão na retina, situada no fundo do olho. A incidência da luz na retina é que permite a formação da imagem retiniana em duas dimensões. Essa visão corrobora com a descrição de Stolfi (2008) “a percepção visual é um processo de reconstrução da realidade exterior, realizado pelo córtex cerebral, a partir de informações fragmentadas captadas pelos olhos” (Celestino, 2017: 5).



2.2. A cumeada e seus aspectos físicos

A importância dos lugares altos, que por determinação da ocupação, uso e simbologia tornaram-se sítios sagrados na concepção de Alexander (2013), na região da Serra Gaúcha, extrapola o âmbito local para tornar-se uma característica da paisagem regional. Estabelece uma característica singular e específica de vislumbrar núcleos urbanos distantes e isolados em função de uma rede densa de cidades próximas, que em função de um processo histórico de ocupação, se localizaram nas cumeadas da região.

O posicionamento nas porções superiores do relevo possibilita, em conjunto com as depressões dos vales, onde se encontra a hidrografia, que a visualização se amplie em termos de distâncias entre os diversos núcleos urbanos.

A possibilidade de visualização entre núcleos urbanos distantes está condicionada a aspectos físicos que são limitadores desta condição. Em um primeiro momento, tratando-se de uma região serrana com relevo bastante acidentado, está a própria característica física do território entre os núcleos analisados, uma vez que, existindo relevo com altitudes mais elevadas no espaço rural entre os espaços urbanos já impossibilita a visualização entre eles.

O processo de ocupação do território demonstrou que a utilização dos espaços altos do território minimizou os bloqueios visuais entre os núcleos, gerando uma característica própria e singular na região, porém, esta eventual impossibilidade de visualização deve ser verificada no estabelecimento de uma rede de visualização de núcleos urbanos da região.

O segundo determinante na possibilidade de estabelecimento de conexão visual entre os diversos lugares altos e privilegiados da região é a própria curvatura terrestre. Ela é a definidora do que podemos chamar de ‘linha do horizonte’, entendida como a linha que se estende até onde alcança o olhar. O horizonte, assim sendo, é o efeito visual gerado pela curvatura terrestre. Sousa (2013) afirma que

se traçarmos um segmento de reta partindo de nossos olhos e tangenciando a superfície da terra então podemos definir a distância que a linha do horizonte se encontra com nossos olhos, então um dos fatores que irá influenciar no cálculo desta distância será a altura em que nossos olhos se encontram do chão (Sousa, 2013: 1).

Importante perceber que a distância da linha horizonte, ou seja, do limite visual em função da curvatura da superfície terrestre depende da altura de observação. Embora tal afirmação pareça óbvia, se relacionada com o território da região da Serra Gaúcha, este aspecto é determinante na condição demonstrada nesta abordagem, uma vez que os núcleos urbanos se estabeleceram em locais de maiores altitudes do território e separados entre eles por espaços de vales gerando, portanto, ampliações de distâncias de possibilidade visual.

O estabelecimento de limite visual depende então do raio da curvatura da superfície terrestre, e da altura do observador. No nível do mar, considerando, o raio de curvatura aproximado em 6.370 metros e altura dos olhos do observador de 1,70 metros resultaria na



distância de visualização de 4.66 quilômetros. Estabelecida pela fórmula abaixo, na Figura 4 (onde, R = raio aproximado da superfície terrestre, h = altura dos olhos do observador e D = distância da linha do horizonte):

Figura 4 - Demonstração matemática para verificação da distância visível da linha do horizonte

$$\begin{aligned}(R + h)^2 &= R^2 + D^2 \\ R^2 + 2hR + h^2 &= R^2 + D^2 \\ 2hR + h^2 &= D^2 \\ D &= \sqrt{h^2 + 2hR}\end{aligned}$$

Fonte: Sousa, *Qual a 'distância' da linha do horizonte?*, em <http://gigamatematica.blogspot.com/2013/03/qual-distancia-da-linha-do-horizonte.html>, acessado 19 maio 2020.

Um terceiro aspecto a ser considerado na possibilidade visual humana em função de abordagens científicas está relacionado à acuidade visual humana, pois fatores inertes à própria natureza interferem na correta captação e percepção da imagem pelo homem. Neste sentido a iluminação e a distância do elemento observado são os condicionantes na visualização dos objetos. Portanto, a visualização dependerá sempre dos efeitos atmosféricos, sendo que aquele que mais interfere na captação e percepção da imagem é a refração atmosférica, calculada através do índice de refração, razão entre a velocidade da luz no vácuo e a velocidade da luz numa substância qualquer, no caso a própria atmosfera, afetada principalmente em função da umidade no ar.

Celestino (2017), referenciado em Silva (2010), afirma neste sentido que

pode-se afirmar que para cada ponto na superfície terrestre existem três horizontes distintos: Aparente: horizonte tangente à superfície da terra (plano horizontal topográfico); Óptico: horizonte que enxergamos (efeito da refração atmosférica); Verdadeiro: corresponde a mesma altitude do ponto inicial da visada (Celestino, 2017: 6).

Em relação à refração atmosférica, baseado ainda em Silva (2010), Celestino (2017) segue afirmando,

de acordo com o autor, o deslocamento devido à variação do índice de refração equivale a 13% do valor [...] é o valor que deve ser corrigido, ou seja, do Horizonte ótico (Ho) ao Horizonte verdadeiro (Hv) (Celestino, 2017: 6).

Os três horizontes distintos definidos por Celestino (2017) devem ser verificados para o estabelecimento da possibilidade de visualização entre os núcleos urbanos da região e o estabelecimento de uma rede de conexão visual regional.



3. Estudo de caso

3.1. Verificação do Horizonte aparente

A localização dos núcleos urbanos nas partes altas do território da região da serra gaúcha foi decorrente, no primeiro período colonial, da determinação governamental de definição de áreas urbanas nas cidades sedes coloniais. Em um segundo momento, o surgimento de novos núcleos foi decorrente da necessidade da sociedade local de gerar espaços de trocas e de socialização. Estes novos núcleos, da mesma forma que os anteriores, estão localizados ao longo das estradas das linhas ou picadas coloniais, que seguiram, da mesma forma que os anteriores, as cumeadas da região para facilidade de deslocamento em um território de topografia bastante acidentada. A proximidade dos núcleos urbanos com pontos altos do território gerou, com o decorrer do tempo, a ocupação de pontos específicos dos núcleos urbanos com elementos que transformam os lugares altos e de amplidão visual em o que Alexander (2013) conceitua como sítios sagrados. Empiricamente podem-se observar as conexões visuais existentes entre os núcleos urbanos, a partir destes pontos específicos, já consagrados pela população residente no território. Tratando-se de um estudo de rede de visualização entre núcleos urbanos, é necessário entender cientificamente a possibilidade desta visualização, pois além de comprovar as possibilidades já descritas, contribuir no desenvolvimento e complementação desta rede visual entre as cidades da região, possibilitando o reconhecimento de locais ainda não utilizados para este fim.

A primeira ação, neste sentido, é identificar em cada um dos núcleos urbanos, ou na sua vizinhança imediata, os lugares altos que possibilitam as conexões visuais em grandes distâncias. Em muitas cidades esses locais já estão estabelecidos e utilizados desta forma; em outras existe a potencialidade latente e que sem o reconhecimento, corre-se o risco da perda do potencial demonstrado. Para definição do lugar com maior altitude de cada cidade foram utilizadas as cartas topográficas do exército brasileiro, Ministério do exército (1980).

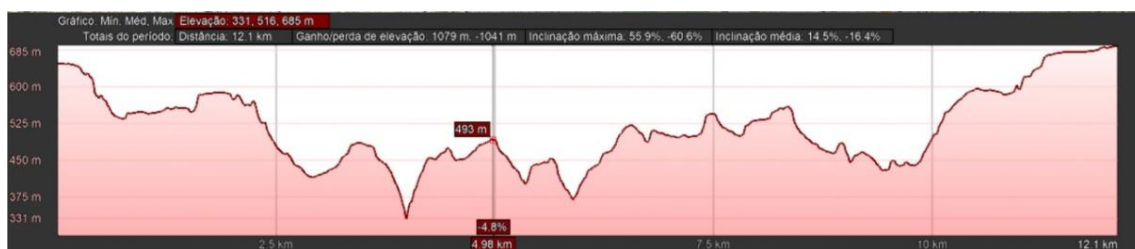
Com a definição de um ponto específico de cada localidade, se estabelecem os eixos de conexão, e, a partir destes pontos, a demonstração da possibilidade ou não de visualização entre os núcleos urbanos a partir do Horizonte aparente (ou plano horizontal topográfico) que pode ser demonstrado a partir de perfis do relevo entre as localidades. Para tal verificação foi utilizado o software Google earth que gera automaticamente a partir do modelo digital do terreno o que o software chama de perfil de elevação, conforme demonstrado na Figura 5.

O perfil de elevação, gerado a partir dos eixos de conexão visual, além de servir para a verificação da possibilidade ou não de visualização do Horizonte aparente, traz as informações necessárias de distância horizontal entre os lugares escolhidos de cada núcleo urbano, suas altitudes e a diferença de altitude entre eles. Tais informações são necessárias para a continuidade da análise e a verificação do Horizonte verdadeiro (em função da curvatura da terra e diferença de



altitude entre os pontos). Foi possível, desta forma, montar uma matriz de relação visual entre os núcleos urbanos com os dados de distância horizontal entre eles (na porção inferior da matriz) e com os dados de diferença de altitude (na porção superior da matriz).

Figura 5 - Exemplo de perfil de elevação gerado no software Google earth utilizado para verificação do Horizonte aparente entre os núcleos urbanos



Fonte: Google earth, em <https://www.google.com.br/earth/download/gep/agree.html>, acessado em 26 agosto 2020.

A matriz demonstrada na Tabela 1 traz a verificação da existência de Horizonte aparente entre os núcleos urbanos (em verde) e a impossibilidade visual gerada pelo relevo existente entre os pontos analisados (em vermelho).

Tabela 1 - Matriz de distâncias horizontais, altitudes e diferença de nível entre os lugares altos selecionados em cada núcleo urbano. Em verde a possibilidade e em vermelho a impossibilidade de conexão visual na verificação do Horizonte aparente

		823	710	645	715	898	810	745	658	790	855	689	844	690	635	783	736	790	784	710	807	710	710	90	810	656	690	745	610						
		Antônio Prado	Bento Gonçalves	Boa Vista do Sul	Carlos Barbosa	Caxias do Sul	Coronel Pilar	Cotiporã	Fagundes Varela	Farrroupilha	Flores da Cunha	Garibaldi	Guabiju	Guaporé	Montauri	Monte Belo do Sul	Nova Araça	Nova Bassano	Nova Pádua	Nova Prata	Nova Roma do Sul	Pará	Pinto Bandeira	Protásio Alves	Santa Tereza	São Jorge	São Marcos	São Valentim do Sul	Serafina Corrêa	União da Serra	Veranópolis	Vila Flores	Vista Alegre do Prata		
Antônio Prado	823																																		
Bento Gonçalves	710	40																																	
Boa Vista do Sul	645	25	35																																
Carlos Barbosa	715	13	100	100																															
Caxias do Sul	898	34	40	30	153	240	108	43	295	54	208	884	240	216	162	114	188	114	188	188	188	188	188	188	188	188	188	188	188	188	188	188	188	188	
Coronel Pilar	810	15	15	15	135	48	48	78	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318	318
Cotiporã	745	41	28	33	59	33	87	45	118	56	95	55	112	87	38	9	45	39	35	62	35	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	
Fagundes Varela	658	39	37	45	63	45	12	110	133	15	188	32	23	165	125	78	132	126	149	52	59	98	68	152	68	7	32	87	48						
Farrroupilha	790	41	19		25	45		65	101	54	100	132	132	220	197	71	113	71	145	48	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	
Flores da Cunha	855	22	37		12		27	104	11	185	220	197	71	113	71	145	48	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	
Garibaldi	689				35				83	74	100	132	132	220	197	71	113	71	145	48	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	
Guabiju	844	52			85				83	74	100	132	132	220	197	71	113	71	145	48	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	
Guaporé	690	61	53	53	84				26	22	71	100	132	132	220	197	71	113	71	145	48	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145	145
Montauri	635																																		
Monte Belo do Sul	658	47	12	14	51	14	21	32	30	47	15	44																							
Nova Araça	783	63	71		71	38	26																												
Nova Bassano	736	52	60		73	60	27	15	66																										
Nova Pádua	790	18	27		47	39	42	23																											
Nova Prata	784	32	45		62	57	25	15	57	29																									
Nova Roma do Sul	710	16	24		33	43	28	29																											
Pará	807	58	76	80	76	43	31	82																											
Pinto Bandeira	710	29	12		34																														
Protásio Alves	710																																		
Santa Tereza	90																																		
São Jorge	726																																		
São Marcos	810	25			17																														
São Valentim do Sul	590	51			65																														
Serafina Corrêa	656																																		
União da Serra	656																																		
Veranópolis	690	27	26	39	47	15	16																												
Vila Flores	745	25	35		52	35	14	46																											
Vista Alegre do Prata	610	49	54		54	22	12																												

Fonte: Elaborado pelo autor.



3.2. Verificação do Horizonte verdadeiro

O limite de visualização entre os lugares altos escolhidos nos diversos núcleos urbanos da região deve ser verificado também em relação ao seu Horizonte verdadeiro que deve considerar os efeitos de curvatura da superfície terrestre. Tal efeito, na região estudada, em virtude da proximidade entre as cidades e a localização das mesmas nas partes altas do relevo gera uma ampliação das conexões visuais e tal característica singular do território.

O Horizonte verdadeiro foi verificado em função da possibilidade de conexão visual no Horizonte aparente, já demonstrada nas células verdes da Figura 6, e em função da fórmula matemática que representa a curvatura terrestre também demonstrada na Figura 4, com a utilização da distância horizontal e a diferença de altitude entre os núcleos urbanos.

Tabela 2 - Matriz de distâncias horizontais e distâncias horizontais ponderadas em função da curvatura da superfície terrestre de cada núcleo urbano. Na parte superior da matriz, em verde, a possibilidade de conexão visual, em laranja a restrição em função da curvatura terrestre ou Horizonte verdadeiro e em amarelo a impossibilidade em função da refração atmosférica ou Horizonte óptico

	823 Antônio Prado	710 Bento Gonçalves	645 Boa Vista do Sul	715 Carlos Barbosa	898 Caxias do Sul	610 Coronel Pilar	745 Cotiporã	658 Fagundes Varela	790 Farroupilha	855 Flores da Cunha	689 Garibaldi	844 Guabiju	690 Guaporé	635 Montauri	658 Monte Belo do Sul	783 Nova Araça	736 Nova Bassano	790 Nova Pádua	784 Nova Prata	710 Nova Roma do Sul	807 Parai	710 Pinta Bandeira	710 Protásio Alves	90 Santa Tereza	726 São Jorge	810 São Marcos	590 São Valentim do Sul	656 Serafina Corrêa	656 União da Serra	690 Veranópolis	745 Vila Flores	610 Vista Alegre do Prata				
Antônio Prado	823	37,94	178	108	30,91	31	31,52	45,85	20,5	20,19	114	16,36	41,16	188	45,85	46	31	20,5	22,29	37,94	18	37,94	111	711	12,87	54,48	167	18	41,16	31,52						
Bento Gonçalves	710	40	69	48,94	199	21,12	25,74	31,93	42,98	21	198	15,96	75	25,74	30,5	18,2	31,93	30,7	4,585	35,15	4,585	90	690	10	100	13	26,23	54	15,96	21,12	35,69					
Boa Vista do Sul	645		645																																	
Carlos Barbosa	715			715																																
Caxias do Sul	898	34	40		898																															
Coronel Pilar	610					610																														
Cotiporã	745	41	28	42		745																														
Fagundes Varela	658	39	37	45			658																													
Farroupilha	790	41	19					790																												
Flores da Cunha	855	22	37						855																											
Garibaldi	689									689																										
Guabiju	844	52									844																									
Guaporé	690	61	53	53								690																								
Montauri	635												635																							
Monte Belo do Sul	658	47	12	14										658																						
Nova Araça	783		63	71											783																					
Nova Bassano	736		52	60												736																				
Nova Pádua	790	18	27														790																			
Nova Prata	784	32	45															784																		
Nova Roma do Sul	710	16	24																710																	
Parai	807		68	76	80															807																
Pinta Bandeira	710	29	12																		710															
Protásio Alves	710																					710														
Santa Tereza	90																						90													
São Jorge	726																							726												
São Marcos	810	25																							810											
São Valentim do Sul	590	51																								590										
Serafina Corrêa	656		65																								656									
União da Serra	656																											656								
Veranópolis	690	27	26	39																									690							
Vila Flores	745	25	35																											745						
Vista Alegre do Prata	610		49	54																										610						

Fonte: elaborado pelo autor.



A matriz elaborada a partir da influência da curvatura da superfície terrestre, demonstrada na Tabela 2, em seus dados numéricos traz, na parte inferior, as distâncias horizontais reais entre cada núcleo urbano e, na parte superior, as distâncias calculadas a partir da fórmula matemática aplicada. Caso a distância calculada (na parte superior da matriz) seja maior que a distância horizontal real (na parte inferior da matriz) existe a possibilidade de visualização independentemente da curvatura da superfície terrestre.

3.3. Verificação do Horizonte óptico

O Horizonte óptico dependerá sempre das condições atmosféricas existentes no momento da visualização, e, portanto independe da possibilidade física do território. A umidade do ar, por exemplo, influencia diretamente a possibilidade ou não da visualização. Para efeitos de estudo, segundo Celestino (2017), a distância deve ser reduzida em 13%, considerando a refração atmosférica. Desta forma, na matriz demonstrada na Tabela 2, as células amarelas demonstram as conexões visuais que, embora tenham a possibilidade de visualização entre os núcleos urbanos verificados no Horizonte aparente e no Horizonte verdadeiro possuem uma restrição que dependerá das condições atmosféricas para efetiva visualização.

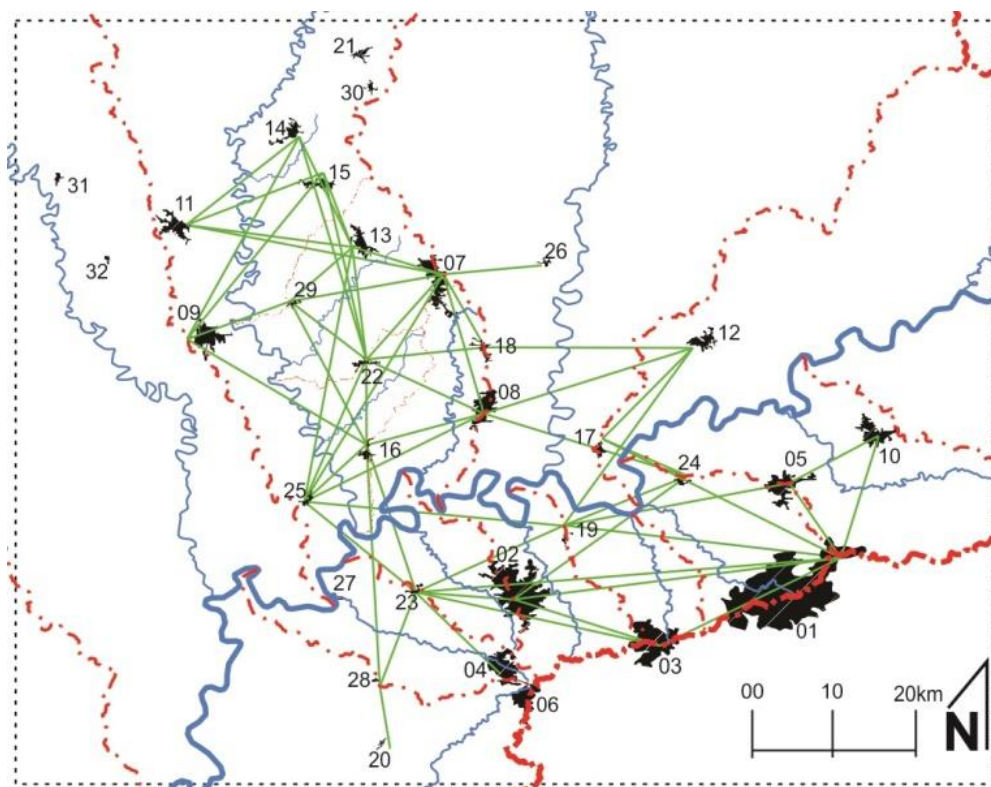
3.4. Rede de conexões visuais entre núcleos urbanos da Serra Gaúcha

A possibilidade de conexão visual entre os núcleos urbanos da Serra Gaúcha é perceptível empiricamente por todos moradores ou visitantes do território, porém, o potencial de utilização desta característica singular da região depende do reconhecimento das características físicas do território e da demonstração técnica desta possibilidade. O mapa da Figura 6 demonstra, portanto, as possibilidades de conexão visual entre os núcleos urbanos da Serra Gaúcha.

As cidades com menores possibilidades são aquelas da periferia do território, em função do posicionamento de borda que não buscou tal possibilidade de conexão visual com cidades externas ao recorte territorial escolhido, mas também em função de altitudes menores, como por exemplo, Santa Tereza, Montauri, União da Serra, São Jorge, Guabiju, Boa Vista do Sul e Coronel Pilar. Em outro sentido verifica-se uma grande quantidade de conexões nas cidades centrais do recorte territorial como, por exemplo, Fagundes Varela e Monte Belo do Sul e Nova Prata.



Figura 6 - Mapa da região dos 32 municípios que fazem parte do Corede Serra em função das principais bacias hidrográficas com seus rios e cumeadas e demonstração das conexões visuais entre núcleos urbanos



Fonte: Elaborado pelo autor sobre aerofotogrametria do exército e imagens de satélite Google earth. Em linhas traço ponto vermelhas os principais divisores de águas da região do Corede Serra; em linhas contínuas azuis os principais rios da região do Corede Serra. Em preto, as manchas urbanas das 32 cidades que compõem a região. Em linhas retas contínuas verdes, as conexões visuais entre os lugares altos dos núcleos urbanos da região com a quantidade de conexões demonstradas na legenda abaixo:

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 1 - Caxias do Sul (6 conexões) | 2 - Bento Gonçalves (4 conexões) |
| 3 - Farroupilha (3 conexões) | 4 - Garibaldi (1 conexão) |
| 5 - Flores da Cunha (3 conexões) | 6 - Carlos Barbosa (0 conexões) |
| 7 - Nova Prata (8 conexões) | 8 - Veranópolis (6 conexões) |
| 9 - Guaporé (4 conexões) | 10 - São Marcos (2 conexões) |
| 11 - Serafina Corrêa (4 conexões) | 12 - Antônio Prado (4 conexões) |
| 13 - Nova Bassano (7 conexões) | 14 - Paráí (4 conexões) |
| 15 - Nova Araça (4 conexões) | 16 - Cotiporã (7 conexões) |
| 17 - Nova Roma do Sul (3 conexões) | 18 - Vila Flores (3 conexões) |
| 19 - Pinto Bandeira (5 conexões) | 20 - Boa Vista do Sul (1 conexão) |
| 21 - São Jorge (0 conexões) | 22 - Fagundes Varela (9 conexões) |
| 23 - Monte Belo do Sul (8 conexões) | 24 - Nova Pádua (4 conexões) |
| 25 - São Valentin do Sul (7 conexões) | 26 - Protásio Alves (1 conexão) |
| 27 - Santa Tereza (0 conexões) | 28 - Coronel Pilar (2 conexões) |
| 29 - Vista Alegre do Prata (5 conexões) | 30 - Guabiju (0 conexões) |
| 31 - Montauri (0 conexões) | 32 - União da Serra (0 conexões). |



4. Conclusões

A importância simbólica dos lugares altos nos seus mais variados aspectos merece um reconhecimento por parte da sociedade que habita a região. As conexões visuais entre os núcleos urbanos da região é uma característica de identidade cultural regional que deve ser potencializada como estratégia de desenvolvimento dos valores locais e também como potencial de atratividade para os visitantes do território. Alexander (2013), em seu padrão denominado Sítio sagrado, afirma:

No entanto, a sociedade moderna muitas vezes ignora a importância psicológica destes sítios. Eles são arrasados por escavadeiras, urbanizados ou alterados por razões políticas e econômicas, sem levar em consideração essas questões emocionais simples, mas fundamentais; ou então estes sítios são simplesmente ignorados. Crie em cada sítio sagrado um lugar ou uma sequência de lugares onde as pessoas possam relaxar, aproveitar o sentir o espírito do local (Alexander, 2013: 133).

Os lugares altos da Serra Gaúcha possuem o potencial de se tornarem locais sagrados nesta concepção. Embora, em muitas cidades, tais locais já se encontram, de certa forma, utilizados neste sentido, ainda existem lugares altos das manchas urbanas que não aproveitam tal potencial de paisagem cultural regional.

Este estudo, embora ainda impreciso e com inúmeras possibilidades de continuidade, contribui no sentido de reconhecer as características positivas do território na constituição de valores que retratam a história de ocupação destes lugares.

Cullen (2009), neste sentido, na introdução de sua obra afirma:

O ritmo a que se processam hoje as mudanças impede os urbanistas de assentar e aprender empiricamente a humanizar a matéria em bruto que se lhes depara. O ambiente é mal digerido... Os sucos gástricos, neste caso os urbanistas, não têm conseguido transformar os pedaços enormes dessa refeição engolida à pressa num alimento emocionalmente nutritivo. Fazemos muitas coisas que os nossos avós não faziam, mas não podemos digerir mais depressa. Quer se trata do estômago, quer do cérebro, as coisas processam-se dentro dos limites da condição humana. Teremos, pois, de proceder a determinadas alterações organizativas por forma a conciliar da melhor maneira a aceleração do progresso com a noção de escala humana (Cullen, 2009: 15-17).

Referência bibliográfica / References

Alexander C., *Uma linguagem de padrões. A Pattern Language*, Bookman, Porto Alegre, 2013.

Barbosa F.D., *Semblantes de pioneiros*, Editora São Miguel, Porto Alegre, 1961.



- Celestino V., *Estimativa de alcance visual humano aplicado à preservação de ambientes cênicos*, 2017, em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-12672017000100006, acessado em 8 agosto 2020.
- Constantino N.S., *Imigrantes italianos. Partir, transitar, chegar (1889-1930)*, em *História geral do Rio Grande do Sul*, vol.3, Tomo I, *República, República velha (1889-1930)*, Méritos Editora, Passo Fundo, 2007.
- Cullen G., *Paisagem urbana*, Edições 70, Lisboa, 2009.
- Favaro C.E., *Os 'italianos'. Entre a realidade e o discurso*, in *História geral do Rio Grande do Sul*, vol.2, *Império*, Méritos Editora, Passo Fundo, 2006.
- Google earth pro, em <https://www.google.com.br/earth/download/gep/agree.html>, acessado em 19 maio 2020.
- Grando M.Z., Mertz M., Targa L.R.P., *A agricultura: a organização dos sistemas agrários*, em *História geral do Rio Grande do Sul*, vol.3, Tomo I, *República, República velha (1889-1930)*, Méritos Editora, Passo Fundo, 2007.
- Lynch K., *A imagem da cidade*, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2010.
- Ministério do exército, Departamento de engenharia e comunicações, Diretoria de serviço geográfico, *Região Sul 1:50.000*, 1980, em <https://bdgex.eb.mil.br/bdgex/?controller=index&action=index&module=default&>, acessado em 19 maio 2020.
- Sousa D., *Qual a 'distância' da linha do horizonte?*, 2013, em <http://gigamatematica.blogspot.com/2013/03/qual-distancia-da-linha-do-horizonte.html>, acessado em 19 maio 2020.
- Zarth P.A., *A estrutura agrária*, in *História geral do Rio Grande do Sul*, vol.2, *Império*, Méritos Editora, Passo Fundo, 2006.

Recibido: 30/09/2020

Aceptado: 23/01/2021

